

## A Colônia do Sacramento vista pelos viajantes (século XVIII)

*The Colonia do Sacramento as seen by travelers (18<sup>th</sup> Century)*

Paulo César Possamai\*

**Resumo:** Devido à política adotada pela coroa portuguesa a fim de proteger suas colônias da ambição de outras potências, contamos com poucas descrições sobre a Colônia do Sacramento, fortificação edificada em 1680 às margens do Rio da Prata. Por isso a importância dos relatos de viajantes. Foram poucos os que descreveram o entreposto platino, sobretudo clérigos, como o dominicano Domingo de Neyra e os jesuítas Diogo Soares e Florian Paucke. Também deixaram relatos o francês Louis-Antoine de Bougainville e o espanhol Francisco Millau. É através deles que tomamos conhecimento de detalhes que não foram registrados na documentação administrativa, nossa principal fonte de estudo para a pesquisa do cotidiano na Colônia do Sacramento.

**Palavras-chave:** Viajantes. Colonização. Contrabando.

**Abstract:** Due to the policy adopted by the Portuguese crown to protect their colonies from the ambition of other powers, we have few descriptions of Colonia do Sacramento, a fortification built in 1680 on the banks of the River Plate. Hence the importance of travelers' reports. Few described the Portuguese village. Most of them were clerics, like the Dominican Domingo de Neyra and the Jesuits Diogo Soares and Florian Paucke. Reports also were left by the Frenchman Louis-Antoine de Bougainville and the Spaniard Francisco Millau. It is through them that we learn details that were not recorded in the administrative documentation, our primary source of research for the study of everyday life in Colonia do Sacramento.

**Keywords:** Travelers. Colonization. Illegal trade.

---

\* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de História e do PPGH da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: <paulocpossamai@gmail.com>.

A fundação da Colônia do Sacramento buscava atender aos interesses dos comerciantes do Rio de Janeiro, que queriam a retomada do intenso comércio com Buenos Aires existente na época da União Ibérica, assim como aos da Coroa portuguesa, que desejava expandir seus domínios até o Rio da Prata. Foi a concentração dos esforços na América e nos entrepostos africanos que permitiu à Coroa portuguesa manter e mesmo expandir a área da colonização depois que os holandeses tomaram várias das suas possessões no Oriente. A fundação se deu em 1680, quando o governador do Rio de Janeiro, D. Manuel Lobo, iniciou a construção de uma fortaleza na margem norte do Rio da Prata, em frente às ilhas de São Miguel (Possamai, 2006, p. 51-62).

Servindo como ponto de passagem entre os domínios portugueses no Brasil e os territórios espanhóis na região platina, temos algumas referências bastante interessantes sobre a visita de estrangeiros à Colônia do Sacramento.

A primeira que temos conhecimento é do início do século XVIII e foi escrita por um agente da companhia francesa encarregada de fornecer escravos à América espanhola. Seguindo para Buenos Aires, ao largo de Colônia, em 19 de setembro de 1703, o desconhecido autor do *Journal d'un Voyage* registrou:

On voit d'ici la Forteresse & la Colonie qui paroît être fort peu de chose. Les maisons, ou plûtôt, les Chaumieres, sont éloignées les unes des autres, & en sont en petit nombre: je ne crois pas qu'en tout il y en ait cinquante. La terre est fort base, toute découverte, & sans arbres: ce sont des Campagnes à perte de vûë. Voilà pour a present tout ce que je sçaurois vous en dire; car le Portugais sont très-réservez, lorsqu'on les questionne sur pareilles choses" (Journal, 1723, p. 309).<sup>1</sup>

O segundo viajante que destacaremos não era europeu, mas um súdito espanhol nascido na América. Em 1722, passou por Colônia o frade dominicano Domingo de Neyra, que seguia de Buenos Aires para a Europa com o objetivo de conseguir junto às cortes espanhola e pontificia a criação da província dominicana do Rio da Prata.

---

<sup>1</sup> Vê-se daqui a fortaleza e a Colônia, que parece ser pouca coisa. As casas, ou melhor, as cabanas, estão distantes umas das outras e são em pequeno número. Eu não creio que ao todo cheguem a cinquenta. A terra é muito baixa, toda descoberta e sem árvores: são campanhas a perder de vista. Isto é tudo o que a presente eu poderia vos dizer, pois os portugueses são muito reservados quando são questionados sobre esse tipo de coisa. Tradução do autor.

Deixou-nos o seguinte relato, no qual retrata o estado ruinoso das célebres quintas que cercavam Sacramento e que foram destruídas no ataque espanhol ocorrido em 1705, como consequência da oposição entre Portugal e Espanha durante a Guerra da Sucessão Espanhola:

Oy esta la Colonia del Sacramento, muy reducida á una infeliz essencia respecto de lo que hera, pues la guerra la ha deshecho mucho. Las quintas que tenían los Avitadores de ella están reducidas á la nada, habiendo sido un Parayso cada una. Porque como encontrasen la tierra a proposito, lograban en las plantas lo que querian. Por lo que toca a lo edificado, aunque su recinto es pequeno, pero se dexa registrar pulidamente construido. Pues trayendo las maderas de los Brasiles primorosas, y hallandose alli con la piedra: hazen las viviendas imitando á lo moderno como gustan. En la abundancia es lo mismo que en Buenos Ayres. Pues las Cosechas de Trigo rinden mucho. El ganado también le tienen silvestre en los campos. Está fundado este Pueblo a la rivera del Río y como sea tan abundante de Peze, le cogen muy regalado. Lo cierto es, que esta Nación se mantiene alli gustosa, por tenerle grandissima conveniencia. Assi defendieron su Plaza (Neyra, 1927, p. 21).

Ao passar pelo Rio de Janeiro, Neyra voltou a falar da Colônia do Sacramento e de como ela era importante para o comércio e o abastecimento dos cariocas:

Es esta Ciudad bastante poblada. Sus Edificios, por lo comun son de dos altos, muy curiosos. [...] Por lo que pertenece á abundancia la tiene, de Arros, Farina de Pau, Frutas Silvestres, Azucar, y Tabaco. De Carnes, y Trigo es escasa. Oy no le falta nada de esto, porque de la Colonia se socorre mucho. Siendoles de grandissima conveniencia, esta Plaza; pues tiene mucho beneficio los Portugueses en posseerla, por esto la defiende tâto (Neyra, 1927, p. 31).

A maior parte dos relatos que temos se referem ao intenso contrabando que se verificava entre portugueses e espanhóis no Rio da Prata. Sobre tal assunto podemos consultar as cartas escritas pelo padre jesuíta Gaetano Cattaneo ao seu irmão Giuseppe. Nascido em Modena, em 1695, o padre Gaetano deixou a Itália em 1726, rumo às missões espanholas da região platina. Suas cartas foram publicadas por Lodovico Muratori, célebre iluminista italiano, que usou as mesmas como fontes para a escrita da sua história sobre as missões jesuíticas do Paraguai.

### Cattaneo descreve, admirado, a grandeza do Rio da Prata:

E quando si sta verso il mezzo, si perde di vista la spiaggia, nè altro si vede all'intorno che Cielo ed acqua a guisa di un vastissimo Mare. E per talle si potrebbe prendere, se non ne togliesse ogni dubbio l'acqua dolce corrente, e torbida appunto come quella del Po. Anzi qui in Buenos Ayres oltre cento miglia più addentro, dove si è ristretto di nuovo per un'altra metà, non solo non si discerne la spiaggia opposta, che veramente è tutta pianura, ma nè meno le case e i campanili della Colonia, che è una Città di Portoghesi situata appunto incontro di Buenos Ayres (Cattaneo, in: Muratori, 1743, p. 156).<sup>2</sup>

Ao chegar a Buenos Aires, em abril de 1729, o jesuíta Gaetano Cattaneo relatou que os comerciantes que vinham na mesma frota na qual viajava receberam tristemente a notícia de que no porto de Colônia encontravam-se ancorados vinte navios, entre portugueses, ingleses e franceses, os quais já haviam vendido todas as mercadorias que transportavam, através do uso de pequenas embarcações que levavam furtivamente o contrabando aos compradores espanhóis (Cattaneo, in: Muratori, 1743, p. 160).

Além de comprar mercadorias europeias a um menor custo do que as que vinham pelo comércio oficial espanhol, os baixos preços alcançados pelos couros e pelo gado, vendidos através do monopólio portenho, acabaram servindo de incentivo para que os espanhóis preferissem vender seus produtos aos portugueses da Colônia do Sacramento, pois assim evitavam o pagamento de impostos e a intermediação do *cabildo* portenho, que aviltava o preço das matérias-primas em proveito próprio. De resto, o gado, na Banda Oriental, valia a metade do preço pelo qual era vendido em Buenos Aires, onde os preços já eram baixos, como constatou Cattaneo durante o aprovisionamento que o grupo em que viajava fez numa estância espanhola próxima ao rio das Vacas, a fim de prosseguir na navegação do rio Uruguai rumo às Missões (Cattaneo, in: Muratori, p. 178-179).

---

<sup>2</sup> “E quando se encontra no meio [do rio] se perde de vista a praia, nem outra coisa se vê no entorno que céu e água, como se fosse um vastíssimo mar. E por tal se poderia tomar se não tirasse qualquer dúvida a água doce corrente e tórbida como aquela do [rio] Pó. Mesmo aqui em Buenos Aires, mais de cem milhas a dentro, onde se está limitado por outra metade [da distância], não só não se discerne a praia oposta, que realmente é toda plana, mas nem menos as casas e as torres das igrejas de Colônia, que é uma cidade dos portugueses situada situada em frente a Buenos Aires”. Tradução do autor.

Em 1730, o governador Antônio Pedro de Vasconcelos escrevia que não podia negar que a vizinhança com Buenos Aires era a principal causa da prosperidade de Sacramento. Completava dizendo que “por assim o entender, não desprezo nenhuma ocasião de cultivar a vontade ao governador [de Buenos Aires], aos oficiais reais e cabildantes” (*Arquivo Histórico Ultramarino*, Colônia do Sacramento, cx. 2, doc. 220). Quatro anos depois, voltava a afirmar que, para retirar lucros da campanha, portugueses e espanhóis “não podem viver sem se acordarem” (*AHU*, cx. 3, doc. 276).

Também contamos com relatos deixados por um jesuíta português, o padre Diogo Soares, um dos chamados “padres matemáticos”.

Em 1721, o padre Manuel de Campos, importante matemático da Companhia de Jesus em Portugal, acompanhou os cardeais da Cunha e Pereira de Lacerda a Roma para participar da eleição do novo papa. No ano seguinte informava da chegada à cidade de dois jesuítas napolitanos eminentes em matemática. O padre João Batista Carbone, natural de Oria, província de Lecce, e o padre Domingos Capassi, natural de Nápoles. Os dois foram contratados por D. João V e chegaram a Lisboa em 19 de setembro de 1722, onde se dedicaram ao estudo da astronomia na corte.

Alguns anos depois o rei lhes ordenou a partida para o Brasil, onde deveriam elaborar mapas da América portuguesa que possibilitassem um maior conhecimento sobre o território, com a finalidade de se melhorar a exploração dos recursos e aumentar a eficácia da administração civil e eclesiástica, assim como se prevenir contra as pretensões de outras nações colonizadoras.

Porém o padre Carbone ficou em Lisboa, sendo substituído em sua missão pelo jesuíta português Diogo Soares, que acompanhou Domingo Capassi ao Brasil. Os chamados “padres matemáticos” chegaram ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1730 e, ainda em outubro do mesmo ano, deslocaram-se para Sacramento. É de se salientar que a sua ida ao Rio da Prata não havia sido ordenada pela Coroa, pois respondiam aos pedidos feitos nesse sentido pelos governadores do Rio e de Colônia. O padre português nos deixou três mapas importantes sobre o Rio da Prata e a Colônia do Sacramento<sup>3</sup> (Almeida, 2001, p. 100-142).

O padre napolitano não deixou nenhuma contribuição para a cartografia da região porque logo voltou ao Rio de Janeiro, após desentender-se com seu colega. Porém, ao passar por Montevidéu não

<sup>3</sup> Consultar também: CORTESÃO, Jaime. “A Missão dos Padres Matemáticos no Brasil”; in: *Revista Studia*, v. 1, p. 123-150.

deixou de observar suas fortificações, as quais julgou mais defensáveis que as de Sacramento (Mendonça, 1911, p. 373).

Em junho de 1731, Diogo Soares informava ao rei que da nova fortificação só havia o desenho do terreno e lugar onde havia de se construir a muralha. Escrevia ainda que “nem o custo e a despesa poderá ser excessiva, porque a pedra é muita, a cal de Vossa Majestade, o salário dos índios limitado, os presos e degredados, que também trabalham inumeráveis”. Até então a defesa da praça consistia em “quatro montões de terra, que aqui se acham já arruinados”, sobre os quais havia quatro barracas de couro e palha, que não garantiam a defesa, mas antes “servem sim para a contínua deserção da soldadesca, sem que o cuidado deste governador, que neste particular é excessivo baste a impedi-la” (Soares, in: Monteiro, 1937, v. 2, p. 80-82). Convém ressaltar que o objetivo das muralhas não se limitava assegurar a defesa da praça, pois também visava à garantia da manutenção da ordem interna.

Em 1750, também com destino às missões do Paraguai, passou pela Colônia do Sacramento outro jesuíta, Florian Paucke, natural da Silésia, que se encontrava sob o domínio austríaco em 1719, ano do seu nascimento. Ele nos deixou um relato mais detalhado sobre a Colônia do Sacramento que seu colega italiano, pois a visitou, não se limitando ao passar ao largo.

Após o desembarque, ele e seus companheiros de viagem seguiram para a igreja, onde um *Te Deum* foi entoado. A seguir, seguiu-se a apresentação ao governador, dirigindo-se depois à Residência dos jesuítas, onde almoçam e instalaram-se. No dia seguinte, 30 de dezembro, os padres foram visitados pelos notáveis da cidade e durante toda a tarde visitaram alguns locais de Sacramento, inclusive o arsenal, que mais pareceu a Paucke um museu, comparado ao armamento então usado na Europa.

Esta ciudad tiene un pequeño arsenal que guarda el vestuario junto con las armas para un solo regimiento de coraceros. Me pareció más bien un museo de armaduras [Rüstkammer] que un arsenal [Zeughaus], pero en las Indias, aun entre los Portugueses como entre los Españoles nacidos allí era una maquinaria notable y la mostraban como una cosa extraordinaria; lo sería para los ojos de ellos, pero no para los míos, mas era preciso alabar todo para no tener algún choque (Paucke, 1992, p. 75).

Sobre o campo de bloqueio, mantido pelos espanhóis desde o início do cerco da praça, em 1735, observou que o gado era recolhido

à praça durante a noite, para evitar que fosse apresado pelos espanhóis (Paucke, 1992, p. 76). Porém, Paucke acentua que o caráter militar da Colônia do Sacramento não excluía a intensa atividade comercial que ali se realizava, a qual, acertadamente, relacionou com a convivência dos guardas espanhóis: “No es posible que desde el lado da tierra pueda colarse alguna cosa si – bien entendido – los centinelas no son pillos e intermediarios. Yo no sé si tal cosa ocurre, pero es probable sea así” (Paucke, 1992, p. 76). Segundo Isabel Paredes, se os funcionários encarregados de coibir o contrabando não estivessem envolvidos nele “la práctica del comercio ilícito se realizaría en menor escala y con mayores riesgos” (Paredes, 1996, p. 7).

Em 1767, passou pela região o célebre navegante francês Louis-Antoine de Bougainville, encarregado por Luís XV de fazer uma expedição científica que daria a volta ao globo. Ele também deixou um relato sobre o contrabando entre a Colônia do Sacramento e Buenos Aires:

Avant la dernière guerre il se faisait ici une contrebande énorme avec la colonie du Saint-Sacrement, place que les Portugais possèdent sur la rive gauche du fleuve, presque en face de Buenos Aires; mais cette place est aujourd’hui tellement resserré par le nouveaux ouvrages dont les Espagnols l’ont enceinte que la contrebande avec elle est impossible s’il n’y a connivence; les Portugais même qui l’habitent sont obligés de tirer par mer leur subsistance du Brésil. Enfin ce poste est ici à l’Espagne, à l’égard des Portugais, ce que lui est en Europe Gibraltar à l’égard des Anglais (Bougainville, 2008, p. 37-38).<sup>4</sup>

Tal como o padre Domingos Neyra, que voltou a se referir à Colônia do Sacramento quando, de passagem pelo Rio de Janeiro, descreveu a rede comercial que ligava o Rio da Prata à baía da Guanabara, Bougainville acrescentou:

Presque toutes les plus précieuses marchandises étaient envoyées de Rio de Janeiro à la Colonie, d’où elles passaient en contrebande par

<sup>4</sup> “Antes da última guerra, aqui se fazia um contrabando enorme com a Colônia do Sacramento, praça que os portugueses possuem sobre a margem esquerda do rio, quase em face de Buenos Aires; mas esta praça está hoje tão fechada pelas novas obras que os espanhóis a encerraram que o contrabando com ela é impossível se não há convivência; mesmo os portugueses que a habitam são obrigados a tirar pelo mar a sua subsistência do Brasil. Enfim, este posto é aqui para a Espanha, com relação aos portugueses, o que lhes é na Europa Gibraltar com relação aos ingleses”. Tradução do autor.

Buenos Aires au Chili et au Pérou, et le commerce frauduleux valait tous les ans aux Portugais plus d'un million et demi de piastres. En un mot, les mines du Brésil ne produisent point d'argent ; tout celui que les Portugais possèdent provient de cette contrebande. La traite des nègres leur était encore un objet immense. On ne saurait évaluer à combien monte la perte que leur occasionne la suppression presque entière de cette branche de contrebande. Elle occupait seule au moins trente embarcations pour le cabotage de la côte de Brésil à la Plata (Bougainville, 2008, p. 49).<sup>5</sup>

Na sua *Descripción de la Provincia del Río de la Plata*, publicada em 1772, Francisco Millau, militar e geógrafo espanhol que participou da comissão de limites entre os domínios espanhóis e portugueses na região platina, descreve o campo de bloqueio espanhol. Uma forte paliçada, que corria de uma praia a outra, confinava os portugueses na península ocupada pela Colônia do Sacramento. No cordão de isolamento estava sempre de prontidão um destacamento de tropa que fazia parte da guarnição de Buenos Aires (Millau, 1947, p. 112). Entretanto, apesar da tentativa de isolar os portugueses, o contrabando continuava intenso, como aponta em seu relato:

Son los de Buenos Aires al presente que venden y permutan con otros los géneros que llevan ellos mismos a la Colonia, en cuyo puerto se proveen de cuantas embarcaciones puedan necesitar para continuar ese trajín, para el que por lo regular escogen pequeñas y de remos, para poderse mejor librar de las lanchas corsarias que suelen apresar de cuando en cuando algunas de las que persiguen; pero no por eso deja de continuar ese trato. La gran ganancia de los que logran llegar bien con su carga, que les cuesta poco por ser de géneros baratos del país, como cueros, trigo, sebo y grasa, y venden allí por su mucha estimación, tres veces más o por lo menos el doble de su valor, los anima a proseguir y a otros a emprender lo mismo para conseguir igual utilidad (Millau, 1947, p. 114-115).

---

<sup>5</sup> “Quase todas as mais preciosas mercadorias eram enviadas do Rio de Janeiro a Colônia, de onde elas passavam por contrabando por Buenos Aires ao Chile e ao Peru, e o comércio fraudulento valia todos os anos aos portugueses mais de um milhão e meio de piastras. Numa palavra, as minas do Brasil não produzem prata; toda aquela que os portugueses possuem provém deste contrabando. O tráfico de negros era ainda um negócio imenso. Não se saberia avaliar em quanto monta a perda que lhes ocasiona a supressão quase inteira deste ramo de contrabando. Ele ocupava sozinho ao menos trinta embarcações de cabotagem da costa do Brasil ao Prata”. Tradução do autor.



Se, mesmo numa época em que o bloqueio a Colônia era muito rígido, como de fato o era na época em que Millau fez sua descrição, o contrabando florescia, pode-se imaginar a intensidade que teve em épocas anteriores, quando os espanhóis ainda não possuíam os meios necessários para manter a praça sob um intenso bloqueio terrestre e marítimo. Do mesmo relato também podemos observar que não eram somente os portugueses que auferiam grandes lucros através do contrabando, pois era somente através dele que os colonos espanhóis conseguiam bons preços pelas mercadorias produzidas na região platina.

Segundo Francisco Millau, os inúmeros pequenos canais formados pelo delta do rio Paraná constituíam um esconderijo seguro para os contrabandistas espanhóis que seguiam para Colônia em busca de mercadorias. Com vento sudeste a este lhes era fácil o retorno, em menos de uma noite, ao delta do Paraná onde, por precaução, voltavam a se esconder nos canais do rio, e dali faziam o desembarque das mercadorias contrabandeadas na margem direita do Rio da Prata. Durante a noite, o contrabando era passado, aos poucos, de estância em estância até chegar a Buenos Aires, cuidadoso processo que, muitas vezes, não deixou de contar com a ajuda das autoridades encarregadas de impedi-lo (Millau, 1947, p. 115-117).

Por sua vez, as tentativas de coibir o contrabando tinham de mostrar capacidade de resistência ao fogo inimigo, pois os contrabandistas geralmente estavam armados. As embarcações destinadas ao comércio ilícito eram bem providas de armamentos e munições.

O fogo foi tão intenso durante um choque entre corsários espanhóis e portugueses no rio Uruguai, na década de 1770, que pôde ser ouvido em Soriano, a mais de dez léguas do local do confronto (Betancur, 2008, p. 116).

Infelizmente são poucas as descrições deixadas pelos europeus que visitaram a Colônia do Sacramento durante o domínio português que quase durou um século, de 1680 a 1777, entremeados de períodos de ocupação espanhola. O número de visitantes deve ter sido muito grande, a julgar pela intensidade do comércio ali praticado, porém poucos relatos foram deixados sobre o lucrativo entreposto fortificado criado pelos portugueses no Rio da Prata.

## Referências

ALMEIDA, André Ferrand de. *A formação do espaço brasileiro e o projeto do Novo Atlas da América Portuguesa (1713-1748)*. Lisboa: CNCDP, 2001.

BOUGAINVILLE, Louis-Antoine de. *Voyage autour du Monde*. Paris: La Découverte/Poche, 2008.

CORTESÃO, Jaime. A missão dos padres matemáticos no Brasil. In: Revista *Studia*, v. 1, p. 123-150.

*JOURNAL d'un Voyage sur les Costes d'Afrique et aux Indes d'Espagne avec une Description Particuliere de la Riviere de la Plata, de Buenosaires, & autres Lieux; comencé en 1702 & finit en 1703*. Amsterdam: Chez Paul Marret, dans le Beurs-straat, 1723.

MENDONÇA, Martinho de. Gomes Freire de Andrada, 26/10/1736. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. II, 1911.

MILLAU, Francisco. *Descripción de la Provincia del Río de la Plata*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1947.

MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. *A Colônia do Sacramento (1680-1777)*. Porto Alegre: Globo, 1937. v. 2.

MURATORI, Lodovico Antonio. *Il Cristianesimo Felice nelle Missioni de' Padri della Compagnia di Gesù nel Paraguai*. Venezia: Giambatista Pasquali, 1743.

NEYRA, Domingo de. *Ordenanzas, actas primeras de la moderna provincia de San Agustín de Buenos Ayres, Thucumán y Paraguay*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1927.

PAREDES, Isabel. *Comercio y contrabando entre Colonia del Sacramento y Buenos Aires en el período, 1739-1762*. Universidad Nacional de Luján, 1996.

PAUCKE, Florián. El Silberfluss, Montevideo y la Colonia del Sacramento. In: BARROS-LÉMEZ, Álvaro (Comp.). *V Centenario en el Río de la Plata*. Montevideo: Monte Sexto, 1992.

POSSAMAI, Paulo. *A vida quotidiana na Colônia do Sacramento*. Lisboa: Livros do Brasil, 2006.

**Fontes:**

*Arquivo Histórico Ultramarino*. Colônia do Sacramento, cx. 2, doc. 220.

*AHU*. Colônia do Sacramento, cx. 3, doc. 276.

Solicitado em 17/09/2012

Aprovado em 18/10/2012